

## JANELA E ESPELHO: AMPLIANDO ESPAÇOS E CONHECIMENTO

*WINDOW AND MIRROR: EXPANDING SPACES AND KNOWLEDGE*

**Daniela Remião de Macedo** / FBAUL

---

### RESUMO

A presente comunicação apresenta um recorte da pesquisa em Poéticas Visuais, realizada junto ao PPGAV-UFRGS. A partir do tema DISPERSÕES e considerando as limitações de movimentação no isolamento físico vivido neste momento, busca-se na janela e no espelho, objetos presentes no espaço delimitado de nossas casas, a passagem para outros espaços, reais ou imaginários, para refletir sobre a arte, a fotografia e o auto conhecimento. As reflexões surgem a partir da obra *Fenêtre et miroir*, que busca uma forma de expressar a visualidade da imaginação da infância, fazendo da janela e do espelho passagens para um espaço de lembranças e sonhos.

### PALAVRAS-CHAVE

Fotografia; Espelho; Reflexo; Autoconhecimento; Bailarina

### ABSTRACT

*This paper presents a review of the research in Visual Poetry carried out in the graduate program in visual arts of UFRGS. Based on the theme DISPERSIONS and considering the limitations of movement in physical isolation lived in this moment, seeks in the window and in the mirror, objects present in the limited space of our houses, the passage to other spaces, real or imaginary, to reflect about art, photography and self-knowledge. The reflections arise from the work *Fenêtre et miroir*, which seeks a way to express the visuality of childhood imagination, making the window and the mirror passage to a space of memories and dreams.*

### KEYWORDS

*Photography; Mirror; Reflection; Self knowledge; Ballet dancer*

## Introdução

Com inspiração na potência poética das DISPERSÕES, tema desta edição do Encontro Nacional da ANPAP, no âmbito das investigações em artes visuais, e considerando as limitações de movimentação no isolamento físico que vivemos neste momento, buscamos na janela e no espelho, objetos com que nos deparamos diariamente no espaço delimitado de nossas casas, a passagem para outros espaços, reais ou imaginários, para refletir sobre a arte, a fotografia e o auto conhecimento.

Através do espelho o homem pode encontrar-se consigo próprio, olhar “para dentro”, mas pode também partir à descoberta de um espaço exterior – desconhecido e invisível – graças a utilização científica do espelho como objeto de reflexão, ampliação e multiplicação do espaço.

A janela remete ao exterior, permite a entrada de luz, possibilita a expansão do olhar e do conhecimento. Os olhos são como janelas do corpo humano, por onde a alma especula e frui a beleza do mundo.

Na contemporaneidade, ao observar uma obra de arte, mais importante que notar seu senso estético é entender seu potencial de gerar discussões e pensamentos. Nessa perspectiva, as reflexões surgem a partir da obra *Fenêtre et miroir*, que busca uma forma de expressar a visualidade da imaginação da infância, fazendo da janela e do espelho passagens para um espaço de lembranças e sonhos.

## O espelho na arte

O espelho é tão antigo quanto a história da humanidade. Muito antes de adquirir a forma científica de um vidro com a parte posterior coberta por uma amálgama, os primitivos miravam-se no espelho das cristalinas águas paradas e construía suas crendices diante do misterioso fenômeno da reflexão.

Sob diversas formas, é relevante a presença do espelho em todas as áreas humanísticas, como arte, literatura, folclore, religião, mitologia, ciência e, naturalmente, nas concepções psicanalíticas. Estamos tão habituados nos dias de hoje a encontrar a cada passo nossa imagem em espelhos, fotografias e vídeos, que é difícil avaliar o extraordinário impacto que a possibilidade de se ver dos pés à cabeça teve nas sensibilidades, e a revolução que a invenção de espelhos desencadeou na percepção do espaço.

Ao longo dos séculos, os artistas representaram espelhos nos contextos mais diversos. Na Mesopotâmia, no Egito, na Grécia e em Roma encontram-se várias figurações de espelhos como objetos do cotidiano, ligados à beleza, bem como referências ao espelho como objeto mágico e divinatório. A relação entre o homem e a sua própria imagem é, desde tempos longínquos, um fascínio, um mistério, uma interrogação permanente.



Figura 1. Caravaggio, *Narciso*, 1597-1599, óleo sobre tela, 113,3 x 94 cm.  
Fonte: Galeria Nacional de Arte Antiga, Roma

O encontro consigo mesmo expresso no clássico mito de Narciso tem sido representado desde a antiguidade por inúmeros artistas. Na versão de Caravaggio (1571-1610) da mitologia grega, a tela (Figura 1) está dividida em duas partes horizontais. Na primeira está Narciso debruçado sobre a água, na segunda, o reflexo do jovem.



Figura 2. Diego Rodríguez de Silva y Velázquez, *As Meninas*, 1656, óleo sobre tela, 318 x 276 cm. Fonte: Museo Nacional del Prado<sup>1</sup>, Madri

O espelho permite também a revelação do oculto, e vários artistas exploram essa possibilidade em seus trabalhos. A obra *As Meninas* (Figura 2) de Diego Velázquez (1599-1660), revela ao espectador a imagem do rei e da rainha refletida no espelho durante a sessão de pose a que são submetidos.

O espelho está intimamente ligado à arte, quer enquanto objeto de contemplação, quer enquanto objeto de investigação, integrando a própria temática da obra. O tema permanece atual na arte e, na fotografia, vários artistas contemporâneos como Duane Michals, Miguel Rio Branco, Chris Bierrenbach exploram o tema em seus trabalhos.

Na exposição *Do Outro Lado do Espelho* (2017-2018), título que remete intencionalmente ao mundo de Alice Liddell, a heroína de Lewis Carroll, concebida para o Museu Calouste Gulbenkian em Lisboa, um conjunto de obras mostra que o espelho funciona tanto como dispositivo físico como psicológico, que fala da juventude e da velhice, da ilusão e da decepção, da verdade e do engano, e ilustra a transição entre a investigação tecnológica e a invenção artística. A exposição, constituída por pinturas, esculturas, gravuras, livros, fotografias e filmes, incluindo também alguns exemplares de espelhos-objetos, reúne obras onde o espelho representa papel crucial, servindo essencialmente para multiplicar a dimensão do real.

Quem primeiro explorou o tema na literatura foi o matemático Charles L. Dodgson (1832-1898), imortalizado sob o pseudônimo de Lewis Carroll (2009), autor de *Alice no País das Maravilhas* (1865) e *Alice do outro lado do espelho* (1871), que, sob o véu de uma história infantil, soube guardar um profundo e singular olhar da complexidade da experiência humana. Alice é uma das personagens que mais marcaram o imaginário de todo o mundo, o que pode ser quantificado pelas incontáveis adaptações do universo criado pelo autor desde o lançamento do primeiro livro.

No cinema, a tradicional história infantil surge em diferentes versões, até a sua atual releitura *Alice Através do Espelho* de James Bobin (2016). No filme, Alice retorna ao *País das Maravilhas* através de um espelho e volta no tempo. Acreditando sempre que tudo é possível, Alice consegue realizar o que deseja, e então retorna ao mundo real através do espelho (Figura 3, Figura 4). O espelho representa, assim, sua passagem entre o mundo real e o da imaginação.



Figura 3. Frame do filme *Alice Através do Espelho* (2016)



Figura 4. Frame do filme *Alice Através do Espelho* (2016)

Nesse sentido, a fotografia também pode ser vista como um espelho, essa passagem da realidade para o imaginário.

### ***Fenêtre et miroir***

A série fotográfica *Fenêtre et miroir* (Figura 5, Figura 6, Figura 7) é um dos trabalhos que fez parte da exposição *FASCINATION – Em Busca Da Bailarina da Caixa de Música*, que aconteceu no Teatro São Pedro, em Porto Alegre, de 23/10 a 25/11/2018.

Os trabalhos são inspirados na caixa de música deixada pela avó. O processo criativo teve início nas lembranças da infância, quando observava as bailarinas através das enormes janelas da sala de dança na escola. Em *Fenêtre et miroir*, porém, a visão da cena se dá pelo lado de dentro. A menina que se debruçava na janela para ver as bailarinas, agora fotógrafa, ultrapassa o limite da janela, daquilo que é observado à distância, sem participação. Sai do exterior e compartilha com a bailarina o mesmo espaço. O ensaio fotográfico foi feito no palco do próprio Teatro São Pedro. Abertas as cortinas de fundo do palco, a janela para o espaço exterior foi desvendada e o sol ilumina o encontro. Ambas, fotógrafa e bailarina, no mesmo palco. Não há mais distanciamento.



Figura 5. Dani Remião, *Sem título*, série *Fenêtre et miroir*, N° 1, 2018, pigmento mineral sobre papel Canson Edition Etching Rag, 75 x 30 cm



Figura 6. Dani Remião, *Sem título*, série *Fenêtre et miroir*, N° 2, 2018, pigmento mineral sobre papel Canson Edition Etching Rag, 75 x 30 cm



Figura 7. Dani Remião, *Sem título*, série *Fenêtre et miroir*, N° 3, 2018, pigmento mineral sobre papel Canson Edition Etching Rag, 75 x 30 cm

As imagens da série são apresentadas em preto e branco, remetendo ao tempo passado, à fotografia analógica, ao duplo que surge a partir de seu negativo; e de forma espelhada, como na pintura de Caravaggio (Figura 1), porém verticalmente. Sugere que toda fotografia traz em si um espelhamento, seja pelo próprio mecanismo óptico do funcionamento da câmera, seja por carregar um reflexo do artista, algo de autobiográfico. *Fenêtre et miroir* busca, assim, expressar a visão de fotografia da autora, uma fusão de janela e espelho.

A primeira exposição que tratou da visão da fotografia como espelho e janela foi *Mirrors and Windows: American Photography since 1960*, em 1978 no MoMA em Nova York. Para o curador, John Szarkowski (1978), fotografia pode ter diferentes funções: a autoexpressão e a exploração. Porém, argumenta que essa alternativa é ilusória, já que em última análise toda arte se preocupa com a autoexpressão. E sendo assim, talvez a diferença possa ser expressa pelas diferentes visões artísticas do mundo exterior: as visões românticas e realistas. A visão romântica é que os significados do mundo dependem de nossos próprios entendimentos, as imagens são significativas em termos de metáforas antropocêntricas que nós atribuímos a elas.

As imagens especulares, como as refletidas no espelho, duram o tempo da própria reflexão. São imagens sem inscrição, sem registro. A fotografia tem a mesma função do espelho, refletir o que está a sua frente. Porém, a fotografia é um espelho com memória, retendo essas imagens. A expressão “espelho da memória” foi proposta por Oliver Wendell Holmes em 1861 para qualificar o daguerreótipo. Fontcuberta (2010) salienta:

A imagem de um espelho é fugaz e o reflexo não fica retido. A fotografia, ao contrário, “espelho com memória”, como foi chamado o daguerreótipo, imobiliza nossa imagem para sempre, com toda minúcia de detalhes e a verdade como pátina. (FONTCUBERTA, 2010, p. 21)

E, como um espelho com memória, a fotografia pode também revelar. Para Fontcuberta (2010), fotografar constitui uma forma de reinventar o real, de extrair o invisível do espelho e de revelá-lo. Essa revelação pode ir mais além, não se limitando a aparições de partes ocultas da cena retratada pelo seu reflexo no espelho, mas entendendo a fotografia como “espelho da alma”, que permite relevar a intimidade do autor.

Niura Ribeiro (2013, p. 21) traz o pensamento de Poivert que sugere que a fotografia deixou de ser uma janela aberta para o mundo, que o desígnio nascido com a fotografia de ser um registro de fatos que acontecem no mundo, de ter compromisso com a verdade e a função de ater-se ao documental é justamente o compromisso

que parte da fotografia contemporânea parece não estar interessada em preservar, contradizendo a concepção de vincular-se ao instantâneo do momento presente.

Da dupla natureza da fotografia, como instrumento preciso e infalível como uma ciência e, ao mesmo tempo, inexato e falso como a arte, Annateresa Fabris (1991) diz que uma parte da fotografia contemporânea parece estar interessada na segunda opção, a de ser “falsa como a arte” e de ser “um espaço cênico”, portanto de trabalhar com a questão da representação como em um teatro.

### **(Auto) Conhecimento**

Os antigos gregos acreditavam que o famoso oráculo de Delfos tinha capacidade premonitória. O oráculo portava a inscrição “Conhece-te a ti mesmo”, e as pessoas se dirigiam a ele supondo conseguir saber algo sobre si mesmas. O deus desse oráculo, Apolo, representava o deus solar, o deus da luz, com seu arco e flechas comparados aos raios solares. Os espelhos têm sido associados às divindades desde os primórdios da civilização. Refletindo, eles eram o Outro à sua imagem e semelhança. Conhecer-se, como convida o preceito délfico, é remontar das aparências sensíveis do espelho comum – reflexos, aparências, sombras ou fantasmas – até a alma. O espelho de revelação e espelho de introspecção conjugam-se num espelho de sabedoria (MELCHIOR-BONNET, 2016, p. 159).

Para Sabine Melchior-Bonnet (2016, p.18), ver-se no espelho e identificar-se exige uma operação mental para a qual o sujeito é capaz de se objetivar, de separar o que é exterior do que é interior, e de reconhecer o outro como seu semelhante, e eu como o outro do outro. Segundo a autora, a relação com o próprio eu e o conhecimento de si não podem estabelecer-se diretamente, então dependemos da reciprocidade de ver e de ser visto. O reflexo é ao mesmo tempo idêntico e diferente do seu modelo. As duas faces do espelho fundem-se na realidade numa mistura complexa: o homem é sempre, ao mesmo tempo, o mesmo e o outro, semelhante e diferente, um ser de inúmeros rostos. E ainda que tenha se tornado um objeto comum do nosso tempo, o espelho conserva seu poder mágico e permanece como instrumento de autoconhecimento, como observa Correia:

Objeto misterioso e inquietante, tão simples quanto complexo, o espelho devolve-nos a nossa própria imagem, revela espaços invisíveis, amplia e irradia luz. Através da imagem refletida, o homem vê-se, descobre-se, interroga-se. (CORREIA, 2017)



O espelho funciona como uma espécie de cena teatral, como esclarece Melchior-Bonnet, onde cada um se compõe a si próprio a partir de uma projeção imaginária, de um modelo social e estético e de uma aparência, elementos que reciprocamente remetem uns para os outros.

O culto da autoimagem pode estimular o narcisismo e a vaidade. Na arte, é tema na clássica história da Branca de Neve dos irmãos Grimm:

A rainha foi até o espelho e perguntou: Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu? E o espelho respondeu: Você, rainha, é a mais bela aqui, mas a Branca de Neve, que está morando com os sete anões bem longe, é mil vezes mais bela. (GRIMM, 2014)

Na trama do filme *Espelho, Espelho Meu* (SINGH, 2012), adaptação do clássico conto de fadas, que segue mais ou menos os passos do original, a Rainha não faz apenas perguntas ao espelho, ela entra no objeto onde se encontra com uma espécie de alter ego/consciência (Figura 8).



Figura 8. Frame do filme *Espelho, Espelho Meu* (2012)

Porém, além de um possível estímulo à vaidade, a auto-observação no espelho também pode se transformar em uma importante forma para alcançar a correção de erros na busca pela perfeição.

Pesquisas na área da psicanálise afirmam que há uma concordância geral quanto à importância do espelhamento filho-mãe na formação da identidade da criança. E que essa relação especular humana é bilateral, também a mãe busca sua imagem no espelho do filho. Para Jacques Lacan (1901-1981), o espelho é entendido como uma metáfora do vínculo entre a mãe e o filho, que progride desde a dimensão visual e imaginária, a qual permite a ilusão da completude onipresente até o da dimensão simbólica, com a aquisição da linguagem verbal (ZIMERMAN, 1999).

Segundo Donald Winnicott (1896-1971), o primeiro espelho da criatura humana é o rosto da mãe, sobretudo o seu olhar. Ao olhar-se no espelho do rosto materno, o

bebê vê-se a si mesmo. “Quando olho, sou visto, logo existo... posso agora me permitir olhar e ver.” (Winnicott apud ZIMERMAN, 1999, p. 188). De acordo com os pesquisadores, um bebê que se alimenta no seio da mãe, olha para o rosto da mãe. E, curiosamente, se a mãe não corresponde ao olhar, ele volta-se para um objeto brilhante, como uma janela.

## **O espelho da bailarina**

Ao longo do processo de criação de *Fenêtre et miroir* e das demais obras da mesma exposição, a bailarina, que surgiu como tema pelas lembranças da infância inspiradas pela caixa de música, se tornou uma metáfora da busca pela perfeição. Bailarinas estão sempre em busca de se aperfeiçoar, se espelhando em outras bailarinas. Buscam a realização de sonhos, o sonho da liberdade. O espelho, sempre presente no universo da dança, a materialização da busca do ser, aquela que permeia toda sua existência e é propulsora do sentido da vida. É materialização do processo de individualização, a eterna busca humana pelo entendimento de si.

Segundo o fotógrafo Evgen Bavcar (BAVCAR, 2003, p.12), todo ser humano se vale do olhar do outro, só que em outros planos e sem se dar conta disto. Como não pudesse ver nunca com os próprios olhos, somos todos um pouco cegos, e nos olhamos sempre com o olhar do outro, mesmo que seja aquele do espelho. Nesse sentido, o fotógrafo serve também de espelho à pessoa fotografada, orientando, na direção de cena, os detalhes da postura, gestos e olhar a serem seguidos na busca da imagem desejada. Nas palavras da bailarina Paula Amazonas, em entrevista após a sessão de fotos que originou a série *Fenêtre et miroir*:

Durante os ensaios eu me baseio muito pelo olhar do fotógrafo, que é o olhar do outro. Eu não estava me olhando no espelho durante as fotos, então [...] gosto de me deixar ser conduzida, dirigida pelo fotógrafo. Nas fotos que fizemos, eu gostei do teu olhar, de como tu enxergas o meu movimento, porque sempre me traz coisas inusitadas. Às vezes não é o que eu estou esperando e me surpreende porque fica um resultado lindo! Se eu estivesse, talvez, tão preocupada com o resultado que eu já tivesse formado na minha cabeça, não teria aberto espaço para essas outras nuances que você traz e que eu acho super valioso. (AMAZONAS, 2018)

Amazonas ressalta, ainda, a possibilidade da fotografia funcionar da mesma forma como o espelho, permitindo também o aperfeiçoamento da bailarina.

Através do vídeo e da fotografia o bailarino continua se aperfeiçoando. Você se enxerga por outra perspectiva, que não é a do espelho, e você consegue ver coisas que gosta ou que quer aprimorar. (AMAZONAS, 2018)

A imagem refletida é importante instrumento para quem busca corrigir-se no universo da dança, mas para a bailarina Ana Botafogo é preciso cuidado diante do espelho:

Todas as aulas de *ballet*, ou de qualquer tipo de dança, em princípio, são feitas em frente ao espelho para que se possa corrigir, quando o professor está corrigindo a parte estética, sobretudo. Mas eu sempre falo que é preciso tomar muito cuidado com o espelho, porque bailarino é uma profissão egocêntrica. A gente se olha o tempo todo porque quer sempre dar o melhor, mas é preciso também sair da frente do espelho para que se possa ter consciência do próprio corpo e da interpretação. (BOTAFOGO, 2018)

Além da importância do espelho para a compreensão do corpo necessária na dança, a bailarina Cecília Kerche releva ainda sobre o projeção no espelho:

O espelho é muito importante para que conheçamos todas as nossas possibilidades em vários ângulos. Mas o maior espelho que tem é nós nos espelhamos em alguém que nos inspire. A minha grande inspiração sempre foi Natalia Makarova. Nela eu me projetava me vendo no espelho. Mas o espelho é de suma importância para um bailarino, falando da forma acadêmica. Um bailarino se olhando no espelho consegue detectar quando o pé está torto quando ele estiver dançando na sombra da luz no palco. É graças ao espelho que nós chegamos nesse grau de compreensão do corpo. [...] O espelho é a minha revelação, da forma física, mas também de como eu busco essa forma física. O espelho me traz uma compreensão do meu eu interior, mas também do meu eu exterior. (KERCHE, 2018)

### **Considerações finais**

A arte não é mero estímulo estético, mas uma forma de expressão da subjetividade humana, dos sentimentos e forma de traduzir o mundo ao redor. Toda obra de arte é feita para ser observada e interpretada pelo espectador e, embora possa direcionar o sentimento que deve ser provocado em quem a observa, o modo como será sentido e decodificado é dado singularmente por cada observador (DUARTE JÚNIOR, 1994).

Ao criar esta consciência, o observador passa a entender-se, também, como capaz de produzir sentido em suas percepções sensíveis e de se identificar nas produções artísticas. E mesmo o artista, pode resignificar suas obras. Ao reobservar *Fenêtre et*

*miroir*, novas reflexões acontecem. O período de isolamento que vivemos, por mais longo que possa nos parecer, não é mais do que um instate fugitivo na imensidão dos tempos. Assim, esse momento, como uma fotografia, se torna janela por onde observamos com mais atenção o outro e suas necessidades, e espelho na possibilidade de nos permitir, na introspecção que o acolhimento prolongado no lar permite, conhecer melhor a nós mesmos, reaproximar afetos, reorganizar condutas e valores.

Além de estimular o auto-conhecimento, a arte estimula a imaginação, fundamental para o progresso do mundo e da sociedade. Sem visualizar novas possibilidades além da situação em que vive, o homem está preso à realidade existente e fadado a conformar-se, em vez de enxergar meios de melhorar sua condição.

Ao reobservar a série *Fenêtre et miroir*, as imagens criadas passam a ser ressignificadas, adquirindo sentidos mais amplos e subjetivos, dirigidos ao momento atual. Abram-se as janelas do palco dos nossos dias! Que o sol entre a iluminar pensamentos e atitudes. E nesse processo de reflexões e auto conhecimento que o isolamento favorece, na busca de reformas íntimas, que a luz se faça refletir e se ampliar naquilo que temos de mais brilhante.

## Nota

---

<sup>1</sup> Disponível em <<https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/las-meninas/9fdc7800-9ade-48b0-ab8b-edee94ea877f>>. Acesso em: 20/01/2018.

## Referências

AMAZONAS, Paula. **Entrevista** concedida por Paula Amazonas à autora em 14/08/2018 em Porto Alegre/RS.

BAVCAR, Evgen. Tessler, Elida; Bandeira, João [orgs.]. Evgen Bavcar: **Memória do Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify. 2003.

BOBIN, James. **Alice Através do Espelho** (*Alice Through the Looking Glass*). Filme. Walt Disney Pictures, EUA, 113 min., 2016.

BOTAFOGO, Ana. **Entrevista** concedida por Ana Botafogo à autora em 03/09/2018 (por telefone).

BURTON, Tim. **Alice no País das Maravilhas** (*Alice in Wonderland*). Filme. Walt Disney, EUA, 109 min., 2010.

CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas e Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.

CORREIA, Ana Paula Rebelo. Espelhos, Pinturas e Alegorias. In: **Do Outro Lado do Espelho**. (Catálogo de exposição). Lisboa: Museu Calouste Gulbenkian, 2017.

DUARTE JÚNIOR, João F. **Por que arte-educação?** 7ª edição. Campinas: Papirus, 1994.

FABRIS, Annateresa (org.). A fotografia e o sistema de Artes Plásticas. In: **Fotografia: usos e funções no século XIX**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

FONTCUBERTA, Joan. **O beijo de Judas: fotografia e verdade**. Barcelona, Espanha: Editora Gustavo Gili, 2010.

GRIMM, Irmãos. **Contos clássicos de Grimm: Seleção da edição Contos maravilhosos infantis e domésticos 1812-1815**. Cosac Naify, 2014.

KERCHE, Cecília. **Entrevista** concedida por Cecília Kaerche à autora em 25/07/2018 em Joiville/PR.

MELCHIOR-BONNET, Sabine. **História do Espelho**. Tradução José Alfaro Lisboa: Orfeu Negro, 2016.

RIBEIRO, Niura Legramante. **Entre a lente e o pincel: interfaces de linguagens**, v. 1, Tese (Doutorado), PPGAV, Instituto de Artes, UFRGS, 2013.

SINGH, Tarsem. **Espelho, Espelho Meu** (*Mirror Mirror*). Filme. EUA, 106 min, 2012.

SZARKOWSKI, John. **Mirrors and Windows**. (Catálogo de exposição). Nova York: The Museum of Modern Art, 1978. Disponível em: <[http://moma.org/documents/moma\\_catalogue\\_2347\\_300062558.pdf](http://moma.org/documents/moma_catalogue_2347_300062558.pdf)>. Acesso: 23/11/2017.

ZIMERMAN, David E.. **Fundamentos Psicanalíticos – Teoria, técnica e clínica, uma abordagem didática**. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

### **Daniela Remião de Macedo**

Doutoranda na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa - FBAUL. Mestre em Artes Visuais (UFRGS, 2018). Mestre em Ciência da Computação (PUCRS, 1999). Docente universitária desde 2000. Fotógrafa profissional desde 2002. Integrante do grupo Lumen. Pesquisa processos fotográficos históricos e sua utilização híbrida com processos digitais, o tempo na fotografia e aproximações entre Arte e Ciência. Realizou exposições individuais e coletivas em todas as regiões do país e no exterior. Contato: dani@daniremiao.com.